

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen

(Organizadora)

Comunicação, Mídias e Educação

Atena Editora
2019

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C741	Comunicação, mídias e educação [recurso eletrônico] / Organizadora Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-344-6 DOI 10.22533/at.ed.446192205 1. Aprendizagem. 2. Comunicação – Pesquisa – Brasil. 3. Comunicação na educação. I. Hrenechen, Vanessa Cristina de Abreu Torres. CDD 371.1022
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

CULTURA VISUAL E IDENTIDADE DOS ALUNOS DO CAp-UERJ

Christiane de Faria Pereira Arcuri

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Instituto de Aplicação / CAp, Mestrado Profissional
de Ensino em Educação Básica / PPGEB,
Licenciatura em Artes Visuais / IART
Rio de Janeiro

RESUMO: A pesquisa reporta-se ao consumo da cultura visual pelos alunos do/no CAp-UERJ. Compreende-se, a partir do consumo midiático de objetos estéticos, a formação da identidade crítico-visual desses alunos e nesse espaço escolar. A partir das reflexões estéticas reentrantes nas aulas de Artes Visuais e História da Arte, abrange-se a cultura visual como recorrências no imaginário da juventude na contemporaneidade. Também ampliam-se os processos do sistema de significações visuais com os quais os alunos estabelecem com os objetos – seja por meio da sistemática de suas condutas e das relações coletivas e culturais, seja com as possibilidades subjetivas e autorais. O objeto artístico torna-se foco de estudo absorvido pelo currículo do ensino de Artes por meio das abordagens teóricas e práticas que partem da aparência e da organização estético-formal, das recorrências artístico-alegóricas e de suas dimensões simbólicas. A produção artístico-visual de objetos pessoais com base na abordagem triangular e fundamentada

na Historiografia da Arte deve priorizar a nacionalidade para as referências dos deslocamentos visuais no imaginário cultural da atualidade. Testar e criar alusões alegóricas que evidenciem a nacionalidade no design dos objetos cotidianos contextualiza o dinamismo visual no espaço escolar. A identificação dos objetos estéticos de uso pessoal dos alunos do CAp/UERJ, e nesse espaço escolar, amplia o entendimento sobre o sistema de signos visuais que circulam na cultura visual da contemporaneidade, e não somente no espaço do cotidiano escolar – questiona-se ao aluno se compreende as referências estéticas dos objetos que comumente utiliza como elemento visual e identitário.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Visual. Consumo. Identidade. Ensino. Artes.

ABSTRACT: The research refers to the consumption of the visual culture by the students of / in the CAp-UERJ. It is understood, from the media consumption of aesthetic objects, the formation of the critical-visual identity of these students and in that school space. From the reentrant aesthetic reflections in the classes of Visual Arts and History of Art, visual culture is included as recurrences in the imaginary of the youth in contemporaneity. Also, the processes of the system of visual significations with which students establish with objects - whether through

the systematics of their conducts and of collective and cultural relations, or through subjective and authorial possibilities, are broadened. The artistic object becomes a focus of study absorbed by the curriculum of the teaching of arts through theoretical and practical approaches that depart from the appearance and the aesthetic-formal organization, the artistic-allegorical recurrences and their symbolic dimensions. The artistic-visual production of personal objects based on the triangular approach and based on the Historiography of Art should prioritize the nationality for the references of visual displacements in the cultural imaginary of the present time. To test and create allegorical allusions that show nationality in the design of everyday objects contextualizes the visual dynamism in the school space. The identification of the personal aesthetic objects of the students of the CAP / UERJ, and in this school space, broadens the understanding about the system of visual signs that circulate in the contemporary visual culture, and not only in the everyday school space - student understands the aesthetic references of the objects that commonly uses as visual element and identity.

KEYWORDS: Visual Culture. Consumption. Identity. Teaching. Arts.

1 | A CULTURA VISUAL E OS PROCESSOS DIALÓGICOS NO ENSINO DE ARTES

Este estudo reporta-se ao consumo da cultura visual pelos alunos da educação básica do CAP-UERJ no cotidiano desse espaço escolar em diálogo com o processo de formação identitária. Considera-se, neste íterim, que as transformações entre a produção industrial e a produção artística, ampliando os sentidos alegóricos, coloca o objeto estético num lugar de designação artística. Tais objetos - como por exemplo mochilas, tênis, cadernos, agendas, dentre outros - comumente usados pelos alunos na escola são correspondidos às reflexões crítico-estéticas reentrantes nas aulas de Artes Visuais e História da Arte. Transmutados dos universos de origem, diferentes objetos passam a integrar o campo da Arte e seu valor utilitário obtém uma relação de equidade com sua forma, nesse caso sob a ótica da estetização. Deste modo, acredita-se que a cultura visual reordena-se em consonância com o campo do Design à medida que incorpora em seus processos criativos uma articulação estética entre forma (aparência) e função (uso) nos objetos incorporados enquanto uniforme dos jovens capianos. A sistematização acerca dos estudos contemporâneos sobre a cultura visual e demais questões voltadas ao consumo de objetos pelos jovens contribui tanto com a concepção teórica do processo identitário na escola como no que concerne às perspectivas cotidianas insurgentes nas narrativas imagéticas.

Entende-se que a cultura visual pode ser difundida no ensino de Artes através dos conhecimentos das linguagens, dos estilos e dos movimentos estéticos das civilizações. As manifestações artísticas estudadas em sala de aula não devem ser encaradas como uma produção do passado, na qual tudo é muito distante dos dias de hoje e da realidade cultural dos alunos mas, acredita-se, que os programas curriculares devem estabelecer analogias com a demanda cultural condizente com o cotidiano do

aluno.

Pensando assim, deve-se atentar para que, no âmbito do ensino de Artes, haja análise e reflexão de conceitos da/na contemporaneidade e que não operem no currículo apenas como finalidades; assim como a expressão artística, propriamente dita, não seja somente considerada um meio para um fim estético. Acredita-se que, a partir de experimentações e criações plásticas, as referências estéticas das culturas de outros tempos sejam articulações para se pensar as demandas da atualidade. Todavia, algumas hipóteses são lançadas na pesquisa: há de se pensar se a heterogeneidade cultural dos alunos do CAp-UERJ favorece seu dinamismo visual – considerando-se que a escola não alcança (em sua maioria) os alunos das redondezas, isto é, grande parte dos alunos não reside nos arredores da escola. E mais: em que medida os alunos do CAp identificam-se com os objetos estéticos recorrentes no cotidiano do espaço escolar?; Quais são as possíveis recorrências artísticas nos objetos estéticos usados pelos alunos?

Sabe-se que os estudos sobre a cultura visual surgem em meados dos anos 60, na Universidade de Birmingham, Reino Unido, e têm por base o termo da indústria cultural. A literatura contemporânea que versa sobre a cultura visual diz respeito à pesquisa da imagem (incluindo-se a obra de arte) e os propósitos de suas demandas culturais emergentes. A cultura visual também profere em consideração às atuações e experiências de vida na contemporaneidade e, inclusive, às possibilidades de articulações alegóricas e estéticas. Na sala de aula, o ensino volta-se à cultura visual quando aproxima as múltiplas expressões visuais da atualidade – nos que tange aos meios e processos - com o propósito de suscitar nos alunos suas possíveis articulações e questionamentos ligados à formação da cidadania, inclusive. A cultura visual da atualidade, ao ficar menos distante das expectativas absorvas na sala de aula contribui, por exemplo, na dissolução de algumas fronteiras entre os conceitos midiáticos urgentes do espaço público; entre o que pode ser considerado popular e o que é influenciado pela erudição/europeização. A cultura visual rompe distâncias nas articulações entre a epistemologia da arte e o processo de experiência estética dos alunos; do mesmo modo que suscita diálogos intermitentes sobre arte e vida cotidiana.

Percebe-se que o ensino de Artes está atrelado à difusão da cultura visual na contemporaneidade a medida em que a cultura da atualidade pode ser reconhecida como um princípio norteador para o desenvolvimento dos conteúdos e das temáticas histórico-visuais - e não somente ao contrário - ao disseminar interações alegóricas e provocações poéticas.

Conhecendo a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura à riqueza e à diversidade da imaginação humana. Além disso, torna-se capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo objetos e formas que estão à sua volta, no exercício de uma observação crítica do que existe na sua cultura, podendo criar condições para uma qualidade de vida melhor (PCNs, 1997,

O desenvolvimento da cultura visual no currículo de Artes pronuncia as expressões artísticas discursivas do cotidiano a novas leituras críticas dentro de sala de aula. Sabe-se que não é suficiente apenas que a educação em Artes identifique a cultura visual que circunda o cotidiano do aluno mas, sim, que lhe suscite uma argumentação crítico-estética acerca dos repertórios remanescentes da historiografia da arte na mesma medida em que aborde a amplitude da massificação imagética no seu dia a dia. Articula-se, deste modo, a difusão da cultura visual da contemporaneidade no ensino de Artes a fim de que seja possível justificar o quanto o cotidiano é relevante também na compreensão da importância das manifestações artísticas ao longo dos tempos e de suas particularidades culturais para a formação do processo identitário. A educação da cultura visual, além de ser uma ampla atitude em relação ao mundo, à sociedade, ao outro e às práticas culturais é, sobretudo, uma “metodologia viva” (HERNÁNDEZ, 2013) que nos impulsiona a questionar e seguir aprendendo, nos aproxima daqueles pensamentos que nos movem, colocam em xeque nossas verdades e nos auxiliam a encontrar caminhos para responder nossas interrogações. Ainda conforme Hernández (1999, p. 27) o papel da cultura visual é observar a “relevância que as representações visuais e as práticas culturais tem dado ao ‘olhar’ em termos das construções de sentido e das subjetividades no mundo contemporâneo”. Em outras palavras, é preciso que o ensino de Artes consiga articular estereótipos e massificações provenientes da cultura visual da atualidade.

Diante os objetos estéticos apropriados pelos alunos da educação básica a demanda por uma significação cultural na escola pressupõe lançar a dimensão alegórica da própria imagem às relações de significação inerentes ao contexto no qual foram produzidos. Quer dizer, como objetivo geral da pesquisa procura-se indagar como os elementos/objetos-visuais/estéticos suscitam possíveis diálogos como receptores identitários no espaço escolar. Os significados alegóricos e simbólicos das imagens, é preciso mencionar, tornam-se incompreensíveis quando não estão conectados com representações imagéticas de outros tempos. Afinal, apropriações e ressignificações são aspectos importantes dos desafios pedagógicos amparados no repertório imagético porque apontam para a relevância da difusão da pluralidade cultural – assim como dos diferentes matizes artísticos que plasmam as formas subjetivas de ver o mundo. Dito de outro modo, o pluralismo artístico, além de ressaltar as diversas especificidades estéticas, contribui para a constituição da cidadania dos alunos na mesma medida em que transforma a abordagem das demais experiências e saberes do outro, valorizando a formação crítica e encorajando a subjetividade.

Culturas das imagens, culturas do entretenimento, culturas escolares, culturas midiáticas e digitais são alguns dos exemplos das efemeridades tangenciadas por formas visuais e conceituais híbridas que inquietam cotidianamente o espaço escolar.

2 | DOS OBJETOS VISUAIS AOS OBJETOS ESTÉTICOS (E VICE-VERSA)

A pesquisa amplia os processos do sistema de significações visuais com os quais os alunos do CAP-UERJ estabelecem com os objetos – seja por meio da sistemática de suas condutas e das relações coletivas e culturais, seja com as possibilidades subjetivas e autorais. No decorrer dos últimos anos, quando aos alunos é indagado se gostam do objeto estético que comumente utilizam na escola, a feição imediata é a de espanto. Isto é, questionam: como assim?; nunca pensei nisso (...). De fato, percebe-se que tanto em relação à forma/ao design ou mesmo no que tange à estampa/à padronagem da mochila, por exemplo, que usam rotineiramente como mais uma peça que compõe seu uniforme identitário está muitas vezes distante do real “gosto” e afinidade visual desses jovens do CAP. E esta tem sido uma recorrência na sistemática de condutas (culturais) e relações (estéticas) coletivas do imaginário da juventude: as referências tanto estéticas como culturais nos objetos de uso pessoal se esvaem de sentido visual – propriamente dito.

Diante de tal constatação, o objeto artístico torna-se foco de estudo por meio das abordagens teóricas e práticas nas aulas de Artes que partem da aparência e da organização estético-formal, das recorrências artístico-alegóricas e de suas dimensões simbólicas. Na mesma medida em que há a revisão crítica das diversas abordagens e padronizações estéticas da produção de sentido da linguagem visual dos objetos: dos objetos visuais aos objetos estéticos (e vice-versa).

Percebe-se que conhecer melhor as categorias e especificidades ligadas à produção estético-artística desses objetos pessoais; pesquisar o desenvolvimento alegórico da linguagem visual e suas implicações no imaginário cultural contemporâneo são fundamentais para uma formação valorativa e crítica dos sentidos artísticos no ensino de Artes Visuais e História da Arte. A insuficiência no mapeamento dos objetos artísticos mais utilizados pelos alunos no espaço escolar elimina a possibilidade do registro – e do entendimento – da complexidade das demandas culturais e do “gosto” e “personificação” estéticos desses alunos (indivíduos coletivos) em relação aos objetos cotidianos no espaço escolar.

A partir do panorama da demanda, do consumo e das preferências dos objetos estéticos dos alunos, torna-se possível contribuir com os estudos sobre a formação artística dos jovens cariocas – e possivelmente expansivos à juventude brasileira. Em outras palavras, vê-se em que medida os objetos estéticos usados no cotidiano escolar condizem com o imaginário estético-cultural desses alunos - assim como dos jovens cariocas.

Este estudo volta-se para a relação entre as tendências estéticas dos objetos e a historiografia da arte, ou seja, atenta-se às influências/aparências artísticas nas padronagens estéticas e nas embalagens desses objetos mais consumidos pelos jovens. Do mesmo modo em que pretende-se averiguar, ainda, se os alunos do CAP percebem as especificidades visuais e se têm alguma noção e/ou referência quanto

às influências estéticas predominantes nesses objetos mais recorrentes no cotidiano escolar.

Para tanto, deve-se elencar os aspectos considerados a partir da percepção da aparência visual e da organização estético-formal dos objetos (ARNHEIM, 1980; DONDIS, 2007), que consideram: (a) o processo de comunicação estética dos objetos, isto é, as características formais de estilo e seus atributos adotados, tais como o tratamento cromático adequado; os tipos de materiais funcionais utilizados; as proporções; os esquemas pictóricos; a diagramação; etc.; (b) a teoria estética aplicada no processo do design do produto; (c) o valor estético atribuído ao objeto variável cultural e economicamente; (d) a estética da informação, isto é, quando o indivíduo (no caso, o aluno) valoriza a estética do produto através da impressão visual que tem sobre ele; (e) a estética empírica, ou melhor, as ideias sobre os valores estéticos dos objetos destinados a determinado público.

Quanto às dimensões semióticas dos objetos (GOMES FILHO, 2000), é a imagem simbólica do produto atrelada à estética do objeto que importa. Tais dimensões são constituídas por propriedades e intenções simbólicas intrínsecas, inerentes ou associadas ao objeto. Conectadas a determinadas características subjetivas dos alunos, as extensões semióticas relacionam-se com os contextos socioculturais, quer dizer, aos modismos que surgem de tempos em tempos e que são reforçados pela ação da publicidade e propaganda sobre o produto – e muito apropriados às faixas etárias dos alunos dos ensinos fundamental e médio.

A formação estético-visual dos alunos são advindas, inevitavelmente, das citações artísticas e dos registros visuais - ambos considerados na perspectiva dos processos visuais da contemporaneidade. A narrativa imagética dos objetos deve estar relacionada à percepção da estética dos objetos no cotidiano do espaço escolar. Pretende-se, a partir do desenvolvimento empírico do projeto, expandir os resultados em ampliações plástico-visuais com base na sintaxe visual dos objetos estéticos, que se caracterizam por muitos aspectos, desde a impressão imediata da forma integrada ao conteúdo até mesmo de modo inverso.

Já a sintaxe visual aplicada ao objeto estético considera as temáticas e os estilos artístico-estéticos recorrentes da História da Arte; na mesma medida em que a padronagem estilística evidenciada seja pela geometrização, o figurativismo e/ou a abstração da forma; ou mesmo aos aspectos relacionados à estilização dos temas; à influência cromática; à interferência plástica das texturas e dos materiais utilizados; aos aspectos visuais ligados à profundidade; a inserção da palavra e/ou da (logo) marca; dentre outros, são considerados.

A relevância do estudo da forma e do conteúdo nos objetos estéticos se deve justamente à hipótese de que esses parâmetros acerca das dimensões estéticas e semióticas dos objetos não são comumente pormenorizados e expandidos pelos alunos-consumidores. O “gostar” ou não “gostar” de um objeto estético está, mesmo que inconscientemente, relacionado às especificidades visuais e contextualizações

histórico-culturais proeminentes nesses objetos, acentuadas com o consumo dos grupos escolares do CAP. Como propósito contundente da pesquisa, estende-se a formação da identidade estético-visual dos alunos na mesma medida em que a valorização e o reconhecimento de tais aspectos visuais, implícitos nos objetos estudados, tornam-se fundamentais para tal propósito.

3 | A PRODUÇÃO VISUAL DE (OUTROS) NOVOS OBJETOS ESTÉTICOS

A produção artístico-visual de objetos pessoais fundamentada na historiografia da arte deve priorizar a nacionalidade para as referências dos deslocamentos visuais no imaginário cultural da contemporaneidade. Esta produção visual é desenvolvida nas aulas de Artes Visuais e História da Arte - tanto no ensino fundamental como no ensino médio.

A abordagem plástica promove novas padronagens estilísticas, ou seja, os alunos criam suas preferências estéticas a partir das experimentações artísticas e recorrências nacionais pesquisadas na historiografia da arte. Testar e criar alusões alegóricas que evidenciem a nacionalidade no design dos objetos cotidianos contextualiza os interstícios simbólicos que engendram o dinamismo visual no espaço escolar.

A identificação dos objetos estéticos de uso pessoal dos alunos do CAP/UERJ, e nesse espaço escolar, amplia o entendimento sobre o sistema de signos visuais que circulam na cultura visual da contemporaneidade, e não somente no espaço do cotidiano escolar – o que nos leva a questionar se o aluno compreende as referências estéticas dos objetos de uso pessoal que comumente utiliza? Entendemos como referências estéticas nos objetos não somente as atribuições *ipsis litteris* de obras de arte, mas características artístico-estéticas desenvolvidas e difundidas (as alegorias) no decorrer da História da Arte.

Como etapas metodológicas, a pesquisa se atém ao levantamento visual dos objetos estéticos mais usados pelos alunos no espaço escolar; posteriormente, os objetos são estudados através de sua sintaxe visual, quer dizer, são observados a partir da padronagem estética com ênfase nas tendências estilísticas, que podem ser agrupadas em geométricas, figurativas e/ou abstratas. Em seguida, como parte do processo de pesquisa, as tendências estilísticas discriminadas nos objetos são associadas a movimentos e estilos artísticos estudados na História da Arte. A etapa pragmática e, sem dúvidas, a mais interessante ocorre quando os alunos criam suas próprias padronagens estéticas: os alunos pesquisam e elaboram novos objetos com os elementos visuais mais condizentes com o seu gosto pessoal – e como não dizer, cultural.

A abordagem triangular (BARBOSA, 1984) – da teoria à prática, e vice-versa – é desenvolvida à medida em que há o processo de identificação dos objetos estéticos, a apreciação crítica das influências artísticas em tais objetos e as novas outras proposições plásticas condizentes com o gosto e a identidade visual (e pessoal)

dos alunos – não necessariamente nesta ordem, é importante destacar. Com o levantamento dos objetos estéticos mais circulantes no ambiente escolar, o estudo pragmático (as propostas visuais) acerca das questões estéticas atribuídas à forma plástico-visual dos objetos são ativadas: a predominância de tendências geométricas; as alusões cotidianas ao figurativismo; a incidência cromática ligada à temporalidade; a recorrências aos volumes, planos e texturas mais predominantes e ligados ao consumo da juventude carioca. É preciso destacar que um dos objetivos fundamentais do método proposto pela pesquisa tem o estímulo ao pensamento reflexivo e ao fazer crítico com menção predominantemente à cultura visual da contemporaneidade. É a partir do reconhecimento da identidade visual dos alunos do CAP-UERJ que as extensões plástico-visuais ressonantes na Historiografia da Arte e as tendências artísticas nacionais são propiciadas para que ocorra o processo visual identitário.

Abaixo (figura 1), alguns resultados artísticos alcançados com a pesquisa a partir do estudo estético acerca de obras de arte à época do Concretismo no Brasil. Para esse estudo sobre o Concretismo nas Artes, o artista paulista Luiz Sacilotto (1924-2003) foi abordado como referência estética para o desenvolvimento plástico de novas padronagens geométricas em mochilas. Vale destacar que o movimento artístico propôs, em seu manifesto, a “renovação dos valores essenciais das artes visuais”, isto é, por meio das pesquisas geométricas, a proximidade entre trabalho artístico e produção industrial assim como certa tendência de abstração das formas.

O desenvolvimento artístico indicado para os alunos partiu do princípio que a obra do artista Sacilotto explora o princípio de equivalência entre figura e fundo, quer dizer, a igualdade de medida entre cheios e vazios e as contraposições entre positivo e negativo. Nas composições do artista nota-se que as cores destacam ou suavizam a geometria; e também dividem regularmente as figuras para multiplicá-las sem a perda de referência inicial, criando um jogo ambíguo com as formas – o artista trabalha com questões estéticas que também são desenvolvidas pela *Op Art*.

Já para a criação de padronagens com formas retangulares em outras mochilas, o artista Hércules Rubens Barsotti (São Paulo, 1914 - 2010) é a referência estético-alegórica. Na década de 1960, convidado por Ferreira Gullar (1930), o artista integra o Grupo Neoconcreto do Rio de Janeiro e passa a explorar a cor, as possibilidades dinâmicas da forma assim como utiliza formatos de quadros pouco usuais, como losangos, hexágonos, pentágonos e circunferências.

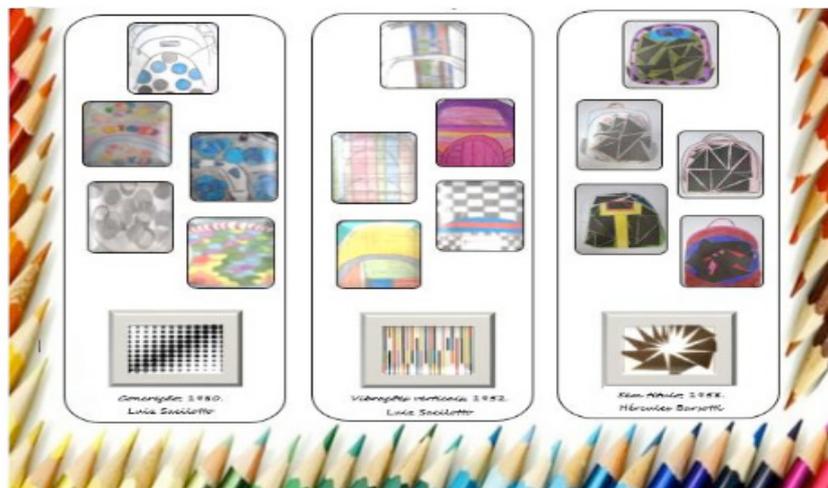


Figura 1: Desenhos de alunos do ensino fundamental.

4 | ARREMATANDO – POR ORA

Com os aportes culturais, entendidos enquanto fundamentos específicos da área de Artes, compreende-se que a cultura visual da contemporaneidade pode (e deve) propiciar balizadores nas metodologias e filosofias de trabalho. Assim como podem refletir uma prática artística mais condizente com as questões e inflexões do ensino da atualidade.

Pensando assim, não se trata apenas de identificar a cultura visual mais condizente ao cotidiano do aluno, mas saber como este cotidiano se caracteriza, para além dos moldes visuais dos quais fomos ensinados a pensar e representar. É preciso transcender os modelos, aprofundar-se de forma crítica em questionamentos sobre a visualidade contemporânea. Para tanto, é preciso tornar-se absorto num mundo de significados anteriores ao próprio tempo e à própria relação simbólica da imagem; entender os âmbitos dos campos ético-estéticos predominantes, para além das restritas implicações cotidianas. A cultura visual contribui para a contextualização do consumo de imagens também para o ensino de artes na escola e com ênfase numa perspectiva ampla, multicultural.

A cultura visual conjuga valores, reelaborações, interfaces e relações que formam saberes e intensidades ao buscar-se qualificar a experiência humana por obras, processos e práticas que influenciam a visão e as formas de compreensão da vida social. A cultura visual como uma zona híbrida, multidisciplinar, atravessadora de domínios variados, artísticos, científicos e tecnológicos.

Em grande parte, os grupos sociais na escola podem e devem ser identificados por meio do conjunto de objetos das mais diferentes naturezas que são ostentados, acumulados e/ou colecionados, inevitavelmente, por todos eles. “O grupo é o *lugar* simbólico onde se realiza [...] a complicada negociação coletiva dos valores que giram em torno da construção das identidades singulares” (ROCHA, 2014, p. 28). Não raro, as atitudes e os posicionamentos dos alunos - muitas vezes aglutinados nas suas

opções e escolhas -, são caracterizados pela presença de objetos. Vê-se com esta pesquisa como, de fato, a narrativa imagética está configurada (e estampada) através dos objetos, o que complementa de modo inevitável seus discursos (e identidades) heterogêneos no que tange à visualidade.

O desenvolvimento do estudo da historiografia da arte e demais especificidades epistemológicas, percebe-se, torna os alunos propensos à personalização e customização das suas identidades através dos bens de consumo, isto é, por meio dos objetos estéticos.

A cultura visual, de fato, propicia a diversidade de caminhos investigativos no campo da estética assim como a experimentação plástica com (outros) novos materiais e temas para soluções visuais relativizadas pela efemeridade e transitoriedade culturais. A possibilidade de criar e de atribuir novos significados simbólicos à juventude é tão ampla quanto nossa capacidade de perceber e expressar novos sentidos culturais, mesmo que muito, aparentemente, já tenha sido produzido e estudado no ensino de Artes.

REFERÊNCIAS

ARGAN, G. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ARNHEIM, R. **Arte e percepção visual**. São Paulo: Pioneira, 1980.

ASSOCIAÇÃO Objeto Brasil. **Um olhar sobre o design brasileiro**. São Paulo: SENAI, 2012.

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. (Org.) **arte/educação contemporânea – Consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Arte-educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 2002.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1981.

_____. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BENJAMIN, W. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. In _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, Obras escolhidas, v.1, 1985 e 2008.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 5.692/71**. Brasília: MEC, 1971.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96**. Brasília: MEC, 1996.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais, v.6 – Arte**. Brasília: MEC, 1997.

BRITO, R. **Neoconcretismo: vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1999.

- BORDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos o que nos olha**. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- DONDIS, A. D. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FABBRINI, R. **A arte depois das vanguardas**. Campinas: UNICAMP, 2002.
- FUSARI, M. F. R. e FERRAZ, M. H. T. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1992.
- _____. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1993.
- GARDNER, H. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Arte Médicas, 1995.
- GOMES FILHO, J. **Design do objeto – bases conceituais**. São Paulo: Escrituras, 1995.
- _____. **Gestalt do objeto – sistema de leitura visual da forma**. São Paulo: Escrituras, 2000.
- HERNÁNDEZ, F. **Catadores da Cultura Visual**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.
- _____. **Cultura visual, mudança educativa e projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- _____. *Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual*. In MARTINS, Raimundo;
- TOURINHO, Irene (Orgs.). **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.
- _____. **Transgressão e mudança na educação: os Projetos de Trabalho**. Porto Alegre: ARTMED, 1999.
- IABELBERG, R. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003 (Cotidiano Pedagógico).
- MARTINS, M.C. et. al. **Didática do ensino de arte. A língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.
- MORRIS, W. C. **Fundamentos da teoria dos signos**. Barcelona: Paidós, 1985.
- PAREYSON, L. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- PLAZA, J. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- ROCHA, E.; PEREIRA, C.; BARROS, C. (Orgs.). **Juventude e consumo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.
- _____. **Cultura e experiência midiática**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Mauad, 2014.
- STANGOS, N. **Conceitos da Arte Moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.